

Mal-estar da História no Brasil?: Friedrich Nietzsche e o desejo de renovação das interpretações do passado nacional na Primeira República

Autor: Vicente da Silveira Detoni (UFFS)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza (UFFS)

Imagem: adaptado de Edvard Munch, *Anxiety*, 1894

Problemática

Em 1905, Rocha Pombo escreveu em seu romance *No Hospício* que “a história é mestra perigosíssima”. Esta formulação, aparentemente uma paráfrase do *topos* da *historia magistral vitae*, que, de forma sutil, o coloca em suspeita, parece antecipar denúncias aos limites e as nocividades da escrita da história do gênero que Paul Valéry enunciou frente ao conflito mundial desencadeado a partir de 1914: “A história é o mais perigoso produto que surgiu da química do intelecto... A história justificará qualquer coisa. Ela ensina precisamente alguma coisa, pois traz para si todas as coisas e fornece exemplos de todas as coisas...”. Quais teriam sido as condições de possibilidade desta enunciação de Rocha Pombo? Haveria na Primeira República no Brasil, tal como na Europa, um sentimento de hostilidade para com o conhecimento histórico, ou uma certa descrença quanto as potencialidades da escrita da história, uma denúncia de seus limites ou nocividades, entre os brasileiros? Em outros termos, haveria um “mal-estar da História” no Brasil na virada do século XIX para o XX? Esta pesquisa, na tentativa de dar conta destas questões, se concentrou no estudo da circulação do pensamento de Friedrich Nietzsche entre os homens de letras e intelectuais do período, principalmente aqueles envolvidos com a escrita da história ou em tentativas de definição de fronteiras de áreas do saber.

Metodologia

O *corpus* documental privilegiado na análise se constituiu em textos de jornal, sobretudo da imprensa carioca, paulista e sergipana da virada do século XIX para o XX. Uma atenção especial foi concedida ao texto *Como se deve escrever a história do Brasil*, escrito por José Oiticica, e publicado em 1910 na *Revista Americana*. Buscou-se na análise destes textos, através de citações implícitas ou explícitas que indicassem um contato dos autores com o pensamento de F. Nietzsche, compreender que direções das suas reflexões do filósofo foram aparentemente lidas, sobre que questões foi evocado, de que maneira foi apropriado, e com qual finalidade.

Objetivo e justificativa do deslocamento metodológico

O objetivo deste trabalho é investigar os modos de recepção, os debates e apropriações da obra de F. Nietzsche pelos intelectuais brasileiros do período que se estende do fim do século XIX à primeira metade do século XX. Por acaso poderia o pensamento de Nietzsche estar presente de algum modo nas discussões postas neste período, relacionadas ao estatuto científico ou artístico da historiografia, sobre a importância da escrita e sobre o local ocupado pelo método na determinação de maus ou bons historiadores? A opção por F. Nietzsche se justifica por este filósofo ter produzido em sua obra reflexões sobre ou *contra* a escrita da história, notadamente seu texto sobre as utilidades e inconvenientes da história para a vida. No Brasil, ele teria despertado grande interesse e teria feito sentir sua presença entre os intelectuais do período estudado, para além de ter sido uma grande fonte de inspiração entre os modernistas. Somado a isso, a obra de Nietzsche parece ser recepcionada no Brasil contemporaneamente a um momento de “crise” da intelectualidade, ou da ordem do tempo no Brasil.

Apontamentos

Os resultados desta pesquisa têm apontado para a hipótese de que se existiram “crises” nestes dois meios intelectuais, brasileiro e europeu, elas foram diferentes, e, isto, muito em função da diferença do lugar social que ocupava a própria escrita da história; que as leituras de F. Nietzsche foram, em certa medida, divergentes e que, se na Europa o filósofo contribuiu de algum modo para um certo desprestígio pelo qual passou a escrita da história convencionalmente produzida nas universidades, no Brasil o filósofo alemão foi apropriado de modo a fundamentar, ainda que de forma marginal, uma nova forma de se escrever a história da nação.

Referências

- BARROSO, Antônio Vinícius Lomeu Teixeira. Um Nietzsche à brasileira: receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940). *Revista de Teoria da História* Ano 5, Número 9, jul/2013
- DIAS, Geraldo. “Nietzsche, intérprete do Brasil”? A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 89-107, 2014.
- NICOLAZZI, F. Orden del tiempo y escritura de la historia: consideraciones sobre el ensayo histórico en el Brasil, 1870-1940. *Prismas*, Revista de historia intelectual, N° 19, 2015, pp. 47-66
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP. 1994